

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

GRAZIELA PACHECO

ANINHA DO BENTÃO:

REPRESENTAÇÕES DE ANITA GARIBALDI NA OBRA DE WALTER ZUMBlick

FLORIANÓPOLIS – SC

2007

GRAZIELA PACHECO

ANINHA DO BENTÃO:

REPRESENTAÇÕES DE ANITA GARIBALDI NA OBRA DE WALTER ZUMBlick

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História, do Centro de Ciências Humanas e da Educação /FAED, Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em História.

Orientadora: Dr^a. Marlene de Faveri

FLORIANÓPOLIS - SC

Novembro, 2007

GRAZIELA PACHECO

ANINHA DO BENTÃO

REPRESENTAÇÕES DE ANITA GARIBALDI NA OBRA DE WALTER ZUMBLICK

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito para obtenção do grau de bacharel em história, no Curso de Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação / FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, aprovado em Banca de defesa pública, na data de 07 de Dezembro de 2007.

Banca examinadora:

Orientadora:

.....

Dr^a. Marlene de Faveri

UDESC

Membro:

.....

Dr^a. Cristiani Bereta da Silva

UDESC

Membro:

.....

Dr. João Batista Bitencourt

UNESC

FLORIANÓPOLIS, 2007

AGRADECIMENTOS

Nesse momento tão especial, quero agradecer a todas as pessoas que fizeram parte de minha trajetória na universidade. Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter me dado vida e saúde tornado possível que eu chegasse até aqui. Neste caminho, apoio de minha família foi mais que importante, foi essencial. Mesmo distantes, estavam perto dando palavras de conforto, e alguns puxões de orelha quando se fez necessário. Agradeço também aos professores/as que participaram da minha acadêmica, sendo estes do Departamento de História da Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina - UNESC, em especial o professor João Batista Bitencourt, que me apresentou o livro *Aninha do Bentão* para que a partir deste, eu construísse meu trabalho monográfico, aceitando prontamente ser meu orientado ainda na UNESC e hoje, eu sendo aluna da Universidade do Estado de Santa Catarina, aceitou mais uma vez prontamente o convite de participar da banca de defesa deste monográfico.

Estendo os agradecimentos aos professores e equipe do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, onde tive contato por um ano, quando fiz disciplinas isoladas, e que me receberam de braços abertos; em especial agradeço o professor doutor Adriano Duarte, que na impossibilidade de eu conseguir um livro para estudar para a prova de seleção para transferência para UDESC, levou até o meu trabalho a cópia da introdução do livro, a fim para que eu ao menos soubesse sobre o que o livro aborda; com essa ajuda, foi possível eu passar na prova e concretizar um dos meus sonhos: estudar em uma universidade pública. Agradeço também à professora doutora Marlene de Fáveri, que mesmo sem me conhecer, aceitou a percorrer comigo no árduo de construir esta monografia; não foi fácil, mas conseguimos, e a professora doutora Cristiane Bereta da Silva, que aceitou o convite de participar da banca de defesa meu trabalho monográfico.

Agradeço a “minha mãe de Floripa” Dorinha, que apoiou e ajudou eu vir morar em Florianópolis para concretizar um sonho, e do tempo que moramos juntas, nasceu um sentimento de amor, como se fossemos mãe e filha, que mantemos até os dias de hoje.

Sou uma pessoa feliz, porque encontrei aqui em Florianópolis muitas colegas e amigas também. Muitas vezes neguei sair para fazer o TCC, outras vezes, fui arrancada de casa por elas, para que eu me detraísse um pouco, inúmeras foram as vezes que aturam minha melancolia, quando eu não consegui a escrever. Diretamente ou indiretamente, elas participaram de minha vida acadêmica, então agradeço: as meninas que moraram comigo, Liliana Marchi dos Santos que me ajudou na correção dos erros de português na escrita e na

fala, e Anita Ronchetti, sempre me dando “o apoio moral” e torcendo por mim. À Deibe Christina Trentin Canterli e Lucilene Trentim Canterle, minhas amigas confidentes e que vivenciaram comigo o sonho de eu conseguir a transferência para UDESC, e me tiravam da frente do computador para “respirar um pouco”. Agradeço também, à Janaina Bordignon, que conheci quando ambas passávamos por uma fase pesada de nossas vidas, cada uma cuidando de sua mãe hospitaliza, e por ter proporcionado que nossa amizade saísse do quarto de hospital, sendo ela a única que foi ver minha defesa, desta amizade, veio mais uma amiga, Daiane Gava, me contagiando com seu bom humor, e também muito torceu por mim.

Sou grata à Marina Gabriela Fachini Cavilhaque, que se mostrou uma amiga para todos os momentos de minha vida, e que me presenteou com o abstract do TCC, e à Tatiana M. Rosa por sua leitura e revisão final deste Trabalho.

Estendo também aos colegas de classe, Celso Martins que me deu de presente seu livro *Aninha virou Anita*, ao Tiago Possenti, que me ajudou com a formatação deste trabalho, aos de mais colegas de classe, que me ajudaram com suas palavras em alguns momentos difíceis que tive ao longo construção deste trabalho. Finalizando agradeço aos/as amigos/as capoeira, que sempre torceram por mim, perguntando sobre o andamento da monografia, dando sugestões, conversando sobre o tema de meu trabalho, a banda Engenheiros do Hawaii, pois suas músicas embalaram minhas inúmeras noites de insônia, que eu aproveitei para escrever este trabalho, e em meus momentos de desânimo, sempre lembrava de alguns refrões de suas músicas: “*Se fosse fácil achar o caminho das pedras, tantas pedras no caminho não seria ruim*” e “*Eu não vim até aqui para desistir agora*” (GESSINGER).

Quero chamar a atenção para meu, último e mais importante agradecimento e a quem dedicam minha monografia:

Ao meu pai Antenor Pacheco, que me deu alimento para o corpo e minha mãe Dirce Dias Pacheco, que me deu alimento para alma.

RESUMO

A presente monografia analisa a narrativa do livro *Aninha do Bentão*, de Walter Zumblick, focando como a obra elabora representações e imagens de Anita Garibaldi. Para essa análise, dividi meu trabalho em dois capítulos. O primeiro faz uma revisão bibliográfica sobre a personagem Anita Garibaldi, observando também as biografias sobre a mesma; e, o segundo, sendo este subdividido em dois itens, analisa a estrutura narrativa e as imagens que ilustram a obra *Aninha do Bentão*, percebendo a reprodução da imagem de mulher heroína, os papéis femininos e os estereótipos exigidos das mulheres da época, bem como o discurso justificatório de seus atos sendo estes sendo considerados heróicos pelo autor do livro em análise.

Palavras chaves: Representações; Anita Garibaldi; Narrativa; Literatura; Relações de Gênero.

ABSTRACT

The present monograph analyses the narration of the book *Aninha do Bentão*, of the author Walter Zumblick, focusing on how the book intends to reproduce images of Anita Garibaldi. To do this analysis, I have divided my essay in two chapters. The first chapter accomplishes a bibliographic review about the personage Anita Garibaldi, observing the biographies about her, too; and, the second chapter, being divided in two items, analyses the narrative structure and the images that illustrate the book *Aninha do Bentão*, realizing the reproduction of the image of the heroic woman, the feminine rolls and the stereotypes required by women in that time, as well as the justifying speech of her actions, which are considered by the author of the book in analyses as heroic.

Keywords: Representations; Anita Garibaldi; Narrative; Literature; Gender Relations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do livro reeditado.....	22
Figura 2 - Alegoria da Comemoração.....	22
Figura 3 – “Barcos em ChamasBatalha de Imbituba.” Óleo sobre tela, 100x130cm, 1980 Coleção: Carmem Gaidzinski.....	28
Figura 4 - "Anita tentando sair do cerco." Óleo sobre tela, 140x160cm, 1976. Acervo: Willy Alfredo Zumblick.....	36
Figura 5 - "Anita à procura de Garibaldi". Óleo sobre tela, 140x200cm, 1984. Acervo: Willy Alfredo Zumblick.....	36
Figura 6 – “Anita Enfermeira”. Óleo sobre tela, 140x160cm, 1978 Acervo: Willy Alfredo Zumblick	37
Figura 7 - "Fuga com seu filho Monetti”.Óleo sobre tela, 120x230cm, 1953 Coleção: Willy Alfredo Zumblick.....	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. QUEM FOI ANITA SEGUNDO QUEM A DESCREVEU.....	12
2. “ANINHA DO BENTÃO” A REPRESENTAÇÃO DA MULHER E DA HEROÍNA	21
2.1 Representações da mulher na obra de Walter Zumblick.....	24
2.2 Representações na construção da heroína.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico analisa a narrativa do livro *Aninha do Bentão* de Walter Zumblick, direcionando a pesquisa na segunda edição de 1999, focando como a obra pretende reproduzir imagens de Anita Garibaldi. Em duas faces distintas: a Ana Maria de Jesus Ribeiro, moça de Morrinhos, cidade de Tubarão, meiga, feminina, incompreendida por ser uma mulher à frente do seu tempo; e a outra, a Anita Garibaldi soldado, mulher vestida de homem com espada amarrada no cinto, lutando na guerra por amor.

Existem muitas obras que falam sobre Anita Garibaldi, porém a história nos permite dialogar com outras fontes, com outras teorias, proporcionando outros olhares. Uma obra de caráter historiográfico sobre Anita Garibaldi terá o olhar diferente de uma obra literária. Segundo a historiadora Cíntia Vieira Souto, Anita Garibaldi é uma das poucas mulheres brasileiras que, antes do século XX, participou de forma ativa de episódios políticos e militares no Brasil, cuja biografia é alvo de polêmicas.¹

Analisar uma obra vai além de interpretar uma narrativa, um discurso e as imagens nela contidas; é necessário conhecer a fundo o autor. O diálogo com outras ciências me possibilitou fazer uma análise também sobre o autor, percebendo sua narrativa poética, seus julgamentos, conceitos e pré-conceitos, suas paixões e inquietações.

No primeiro capítulo, me ative a fazer um levante bibliográfico sobre o que o livro *Aninha do Bentão* aborda: Anita Garibaldi. A proposta desta revisão é de perceber se as produções bibliográficas se estão dentro de um olhar jornalístico, político, romântico, poético, documentário, e situar diferenças, de um olhar acadêmico e histórico. Não que um olhar acadêmico não possa ser escrito de forma poética, mas minha preocupação é perceber com quais metodologias as obras foram feitas e suas finalidades, pois, ao se produzir algo, se produz para alguém e com uma finalidade. Ninguém escreve para que as palavras fiquem no papel, elas são escritas para que sejam consumidas.

No segundo capítulo faço análise da narrativa do livro *Aninha do Bentão* de Walter Zumblick, percebendo a forma que o autor usa as palavras, os argumentos para a construção e a fixação da imagem para sua personagem, as representações sobre a mulher, bem como sua concepção de história e suas intenções ao publicar a obra. A análise também passa por

¹SOUTO, Cíntia Vieira. **Anita Garibaldi: Heroína, mais virtuosa**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf

uma breve interpretação das imagens que ilustram o livro.

Para estas análises serem possíveis, busquei fundamentar em autores que pesquisaram sobre imagens em livros de história, como Eduardo Paiva, Roger Chartier e Peter Burke. Escrito de diversas formas, o que estes autores têm em comum é o estudo das imagens, como quadros, fotos, desenhos, e o uso delas como objeto de estudo, e das representações. No que dizem respeito das imagens em livros, é de consenso a opinião que o uso vai além de preencher páginas, existem significados que antes passavam despercebidos pelos historiadores².

A imagem como objeto de estudo ou fonte de pesquisa, era deixada de lado pelo historiador, interessando-lhe somente o documento em si, ou seja, o texto. Isso era feito porque os historiadores deixavam tais análises para profissionais das artes, pois o que cabia aos historiadores, era uma busca dentro de fontes estruturalistas dentro de uma linha marxista fazendo análises a partir das formas de determinado modelo econômico, partindo delas para uma percepção das relações existentes. É a partir de uma mutação do trabalho historiográfico, com o surgimento da escola dos *Annales* e a teoria história social e cultural,³ que a história busca novos objetos, temas, problemas.

O tema estudado mostra que as representações de Anita Garibaldi foram feitas em diferentes momentos, de acordo com uma determinada visão de mundo e com objetivos específicos: ora de representar Anita nos papéis de mãe e heroína, ora de transgressora, dependendo do momento e para que fosse escrito.

Burke nos mostra como novas abordagens permitem outros olhares para história,⁴ sendo possível perceber por outros caminhos metodológicos a experiência da mulher Anita Garibaldi, como por exemplo a categoria gênero, útil de análise histórica. Esta categoria é observada da perspectiva de sua construção cultural, mostrando como se dão as relações de poder, e por isso tem historicidade. A construção da imagem de heroína esta relacionada aos papéis sociais exigidos de uma mulher de sua época, honrada, boa mãe e esposa dedicada, no contraponto daquela que seria “desonesta”, como bem explicou Joana Maria Pedro, num estudo sobre exigências e condutas de mulheres de meados do século XIX e início do XX, em Desterro/Florianópolis.⁵

² PAIVA, Eduardo França. A iconografia na história – indagações preliminares. In: ____ **Histórias e Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

³ CHARTIER. Roger. O mundo como representação. In: ____ **À beira da falésia**. A história entre certezas e inquietudes. Rio Grande do Sul: Ed. UFRGS, 2002.

⁴ BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu pensamento, seu futuro. In: ____ Burke Peter (org) **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

⁵ PEDRO, Joana Maria, **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: UFSC, 1994.

01

QUEM FOI ANITA SEGUNDO QUEM A DESCREVEU.

Anita Garibaldi ainda é uma personagem estudada por historiadores, curiosos, amantes da história, literatos. A historiografia tem tratado da história de Anita Garibaldi por diferentes olhares e perspectivas em relação a literatura sendo essas: biografias, ensaios, seriados de TV, pinturas, músicas, estátuas, placas. Contudo ambas as linhas de produções historiográficas e literárias, ilustram a trajetória de Anita junto de Giuseppe Garibaldi, contando suas histórias de vida antes de se conhecerem, os lugares por onde passaram juntos, como a tomada de Laguna pelos Farrroupilhas, em seguida pelos lugares onde houveram conflitos entre os farrapos e as tropas imperiais, bem como no início campanha de unificação da Itália. Contudo esses episódios são narrados com perspectivas e objetivos diferentes, que serão abordados mais a frente.

Utilizando-se de diferentes metodologias, diversos pesquisadores têm representado uma Anita Garibaldi enquadrada dentro de uma imagem de mulher, heroína, querendo comprovar versões que legitimam, mostram, comprovam suas representações, ou “suas Anitas” para a sociedade. Outros romanceiam sua história na tentativa de mitificar ainda mais sua imagem, por vezes em obras encomendadas, e escritas sem rigor científico, apenas reproduzindo outras obras. Quem escreveu sobre Anita, a retratou segundo suas concepções, seus pré-conceitos, alguns destes foram políticos positivistas, outros curiosos apaixonados e historiadores.

No ano de 1911, surge, em Santa Catarina, um dos primeiros estudos sobre Anita. Marechal Vicente Leite de Castro, membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, com o livro *Annita Garibaldi: Uma heroína brasileira*,⁶ baseado a partir das memórias de Giuseppe Garibaldi ditadas a Alexandre Dumas⁷. Percebe-se, nesta produção, um olhar positivista, a mesma história de vencedores e vencidos, elegendo Anita Garibaldi como heroína, justificando atitudes que possivelmente teria tomado; contudo, se fez necessário frisar que tais atitudes, nestas obras, não poderiam ter sido tomadas por uma mulher qualquer e sim por uma mulher predestinada a servir e dar a vida pela nação.

Nesta obra, percebe-se a representação da mulher que se doa à nação, atitude considerada nobre, tanto que seu passado como pecadora é redimido. Esta forma de escrever história no início do século XX está de acordo com os modelos do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro IHGB que, desde sua fundação, em 1839, vinha construindo biografias

⁶ CASTRO, João Vicente Leite de. **Annita uma Heroína Brasileira**. Rio de Janeiro: Gernier Editora, 1911.

⁷ DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi**. Porto Alegre: L&M, 2002.

e enaltecendo feitos para justificar um passado glorioso. Lilia Schwarcz, no livro *O espetáculo das raças*,⁸ analisa as produções do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e nos mostra o tipo de historiografia feita pelos membros do Instituto. Criado logo após a independência política do Brasil, tinha o objetivo de construir uma História da nação, recriar um passado, solidificar mitos e fundamentos. Os membros deste Instituto eram escolhidos por suas produções históricas, consolidando um Estado Nação, num momento em que estavam acentuadas as diferenças regionais, marcadas por disputas, mantendo um programa de sistematização de uma história oficial, demarcando espaços e ganhando respeitabilidade nacional.

A partir da obra de Vicente Leite de Castro, outras mais foram lançadas com finalidades diferentes, mas todas queriam suprir lacunas históricas, quer para justificar a construção do mito, quer para cristalizar a ideologia de uma política elitista. Estas construções foram feitas omitindo e negando fatos da história, como o primeiro casamento de Anita; não sendo casada, não traiu nem fugiu, representada como uma mulher fiel a um único homem, Garibaldi, contribuindo para a naturalização de papéis de gênero aceitos para as mulheres. Outros pesquisadores positivistas que contribuíram para essa representação foram Giacomo Lombroso⁹ e Henrique Boiteux.¹⁰

Wolfgang Ludwig Rau, de naturalidade suíça, foi o maior colecionador de documentos sobre Anita Garibaldi. É formado em arquitetura, antes morador de Lages, ao mudar-se para Florianópolis apaixona-se pela história da mulher considerada heroína, viaja o mundo pesquisando sobre a vida da mesma, colecionando documentos com o financiamento da maçonaria. Sem metodologia histórica, sem crítica ou qualquer teorização, suas obras se restringem a narrativas factuais, com apologia ao mito de heroína.

Rau lança seu primeiro livro ano de 1975, com o título “*Anita Garibaldi: o perfil de uma Heroína Brasileira*”,¹¹ o qual teve cinco edições, sendo estas financiadas pelo governo do Estado de Santa Catarina. Este autor abre novas discussões sobre a trajetória de Anita, trazendo a público fatos negados ou omitidos por pesquisadores e historiadores anteriores. Após esta obra Raul, lança mais seis livros de poucas páginas, dedicando-se a revisões do seu primeiro trabalho.

⁸ SCHWARZ, Lilia Motriz. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. CI&A das letras. São Paulo: 1993.

⁹ LOMBROSO, Giacomo. **Garibaldi**. Firenz:, Vilecchi, 1938.

¹⁰ BOITEUX, Henrique. **A heroína Brasileira Anita Garibaldi**. Ed. Bevilacqua & C. Rio de Janeiro 1906.

¹¹ RAU, Wolfgang Ludwig. **Anita Garibaldi. O Perfil de uma Heroína Brasileira**. Florianópolis: Edeme, 1975.

O segundo livro, “*Cronologia de Giuseppe e Anita Garibaldi 1807-1882*”,¹² editado pelo Conselho Estadual de Cultura, em 1982, mostra, em ordem cronológica a vida e morte de Anita e Giuseppe, trazendo a árvore geológica de ambos, este livro obteve o apoio e autorização da Câmara de Vereadores de Florianópolis, para ser editado, que segundo os membros da câmara, entendiam ser uma obra importante na contribuição para a historiografia, e preservação da memória catarinense, marcando do primeiro centenário da Morte de Garibaldi.

O terceiro livro, “*Onde nasceu a lagunense Anita Garibaldi*”,¹³ obra ilustrada, editada em 1983, pela editora Edeme, Florianópolis, traz fotos de autoridades locais, dos monumentos e da casa em que Anita morou em Laguna, onde hoje é um museu. Raul reivindica a naturalidade de Anita Garibaldi para Laguna, incluindo a imagens de documentos comprovando sua pesquisa quanto à naturalidade de Anita. No mesmo ano, é comemorado o 175º ano de nascimento, e o 1º centenário da morte de Giuseppe Garibaldi. Já no quarto livro, “*A heroína Anita Garibaldi - Uma revelação farroupilha em território catarinense*”,¹⁴ obra ilustrada, editada em 1986, mostra Anita Garibaldi em meio às batalhas e seus atos de bravura, legitimando a imagem de heroína da mulher brasileira voltada para uma narrativa republicana.

No livro “*As sucessoras de Anita Garibaldi*”,¹⁵ obra ilustrada, editada em 1987, explica o insucesso nos casamentos de Garibaldi como um dos motivos do porque ele não teria deixado de amar Anita mesmo depois de sua morte, ou uma forma de desculpar e justificar as fugas de Garibaldi em meio as batalhas sem sua amada. E, no sexto, “*A vida e Morte de José e Anita Garibaldi*”,¹⁶ de 1989, traz imagens de Anita e Giuseppe Garibaldi, desde a invasão de Laguna, imagens nas lutas da Revolução Farroupilha até a morte de Anita. Finalizando, o sétimo e último livro, “*Anita Garibaldi - resumo biográfico da heroína brasileira*”,¹⁷ de 1989 e editado pelo autor, este faz uma curta revisão bibliográfica de suas obras.

A produção de Wolfgang Rau sustentou o processo de heroificação de Anita Garibaldi a partir da década de 1970. Na esteira deste processo já havia antecedentes, delineados desde o final do século XIX, e bastava a Wolfgang Rau dar seqüência, fazer circular no mercado

¹² RAU, Wolfgang Ludwig. **Cronologia de Giuseppe e Anita Garibaldi 1807-1882**, Florianópolis: Conselho Estadual de Cultura – IOESC, 1982.

¹³ RAU, Wolfgang Ludwig. **Onde nasceu a lagunense Anita Garibaldi**. Florianópolis: Edem, 1983.

¹⁴ RAU, Wolfgang Ludwig. **A heroína Anita Garibaldi - Uma revelação farroupilha em território catarinense**. Florianópolis: Elbert Indústria Gráfica, 1986.

¹⁵ RAU, Wolfgang Ludwig. **As sucessoras de Anita Garibaldi**. Florianópolis: Elbert Indústria Gráfica, 1987.

¹⁶ RAU, Wolfgang Ludwig. **A vida e Morte de José e Anita Garibaldi**. Florianópolis: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, 1989.

¹⁷ RAU, Wolfgang Ludwig. **Anita Garibaldi - resumo biográfico da heroína brasileira**, Florianópolis: Elbert Indústria Gráfica, 1989.

editorial a história da heroína Anita Garibaldi, que difere dos membros do Instituto Histórico Geográfico que, a reivindicavam como modelo de civismo e patriotismo a República do Brasil. Segundo Rau, Anita deveria ser louvada universalmente, por seus exemplos de nacionalidade e por uma pátria republicana.¹⁸

Outros olhares, principalmente de forma literária, vem do advogado Adílcio Cadorim, o qual lança, em 1999, um livro com o título “*Anita: A Guerra das Repúblicas*”.¹⁹ Intitulando-se um curioso da história do sul, foi o principal protagonista no processo que obteve o reconhecimento de nacionalidade brasileira de Ana Maria de Jesus Ribeiro. Fundou a Fundação Anita Garibaldi, é líder no movimento pelo repatriamento dos restos mortais de Anita. A edição sai com o motivo de comemorar o sesquicentenário da morte de Anita Garibaldi. Em 20 capítulos, faz uma cronologia dos acontecimentos da vida de Anita, com ilustrações do próprio autor, fotografadas durante solenidades, como na criação da Fundação Anita Garibaldi, onde aparecem o Rotary Club, imagens do autor e outras autoridades junto aos monumentos.

Os textos no livro de Adílcio Cadorim, mostram sentimentalismo, patriotismo, contudo não é romanceado, relata os motivos da luta para trazer os restos mortais de Anita como simples pretexto para se mostrar perante a elite de Laguna, como homem preocupado com a memória do povo lagunense em resgatar sua patrícia para descansar em sua real pátria.

No livro do jornalista Celso Martins, ilustrado por Clovis Gayer, “*Aninha Virou Anita*”,²⁰ faz uma reconstituição da vida de Anita Garibaldi, utilizando-se de fontes conhecidas, livro este encomendado ao autor pelo jornal *A Notícia*, jornal onde trabalhava. A edição do livro foi feita pela própria editora de *A Notícia*, e, com um olhar jornalístico, não deixou de citar as fontes pesquisadas. Mesmo sem teor metodológico de pesquisa histórica, o conteúdo do livro é uma narração da cerimônia em comemoração aos 150 anos da morte de Anita. O livro é dividido em três partes, sendo que na primeira narra os motivos que levaram Garibaldi sair da Itália até conhecer Anita e viver com ela por dez anos em meio a Revolução Farroupilha; na segunda parte do seu livro, questionou a construção da imagem de heroína depois da morte de sua morte, por Mussolini, recuperando a campanha de Unificação da Itália em 1870, e no Brasil, a serviço da República. O terceiro capítulo traz entrevistas com o arquiteto considerado o maior pesquisador sobre a história de Anita Garibaldi e Giuseppe Garibaldi, Wolfgang Ludwig Rau. Também traz entrevista com o jornalista paulista Paulo

¹⁸ELÍBIO JR, Antônio Manuel. **Uma Heroína na História:** Representações sobre Anita Garibaldi. Florianópolis: 2000. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p.55.

¹⁹CADORIN, Adílcio. **Anita. A Guerra das Repúblicas.** Laguna: IOESC, 1999.

²⁰MARTINS, Celso. **Aninha Virou Anita.** Florianópolis: Ed. A Notícia, 1999.

Markum, e com a empresária e médica Yvone Capuano, que relatam como, porque e quando começaram a pesquisar sobre Anita. Além do comprometimento das referências bibliográficas, as ilustrações do livro dizem respeito a documentos como certidão de casamento e certidão tardia de nascimento de Anita tendo como sento natural de Laguna, bem como a coleção de pinturas de Raul, e monumentos de Anita espalhados por toda Santa Catarina.

Outro livro também jornalístico é do Paulo Markum, jornalista paulista e apresentador do programa *Roda Viva* da TV Cultura de São Paulo, lança o livro “*Anita Garibaldi: uma heroína Brasileira*,”²¹, lança o livro com o apoio financeiro do Governo Federal, tem o prefácio do então presidente Fernando Henrique Cardoso, e este por sua vez, parece mostrar através de suas palavras, um certo saudosismo de uma história positivista, lembrando heróis, saudando o republicanismo no Brasil. Ao logo das 373 páginas, sem maiores preensões de uma discussão teórica e metodológica, apóia-se no livro de Raul Wolfgang, evidenciando a “história oficial”, dos vencedores ou vencidos.

Outra obra sobre Anita é do mineiro José Sergio Fabiano Mattos Mibielli, formado em direito em 1991, e muda-se para Florianópolis, onde funda o grupo teatral *O Elefante Oscilante*. No ano de 1997, passa a dedicar-se à literatura juvenil para a faixa dos 09 aos 16 anos de idade, escrevendo, em 1999, “*Anita Fez de seu Amor a sua Bandeira*,”²² livro ilustrado, onde mostra uma imagem masculinizada de Anita Garibaldi. O texto reatualiza a imagem de mulher heroína, que foi mãe, guerreira, se tornou símbolo da pátria, mostrando o amor pela nação e o sonho de liberdade, que Anita carregava desde criança, sendo estes os sentimentos que lhe deram coragem para luta enquanto mulher adulta. A famosa lição de moral encontrada em livros destinados ao público juvenil é a de que os cidadãos brasileiros, independente da idade, devem conhecer a história da brasileira considerada heroína em sua pátria e fora dela também. Busca na ingenuidade da criança e do adolescente, construir adultos conhecedores venerando os símbolos e ícones nacionais brasileiros.

Outra produção literária sobre Anita Garibaldi é o livro *A Casa das Sete Mulheres*,²³ da autora gaúcha Letícia Wierzchoswok, lançado pela Editora Record, em 2002. No ano de 2003, o livro é veiculado à televisão, através de uma das maiores redes de televisão brasileira, a TV Globo. Utilizando-se do livro como fonte, a transmissora, fez uma minissérie tendo como nome o mesmo título do livro.

²¹ MAKUM, Paulo. **Anita Garibaldi, uma heroína Brasileira**. São Paulo: Ed. SENAC, 2003.

²²MIBIELLI. José Sergio Fabiano Mattos. **Anita Fez de seu Amor a sua Bandeira**. Florianópolis: Editora Papa Livro, 1999.

²³WIERZCHOSWOK. **Letícia. A Casa das sete Mulheres**. Rio Grande do Sul: Ed. Record, 2002

A autora do livro considera-se uma simples contadora de histórias e escritora de romances, a qual abandonou o curso de Arquitetura, desempenhou outras atividades até descobrir sua paixão pela literatura.

Sem pretensão de uma obra historiográfica, o romance se passa no Rio Grande do Sul, tendo como tema principal mostrar o caráter conservador da educação das filhas dos estancieiros gaúchos do século XIX, a situação de confinamento, e como eram os encontros amorosos, tendo pano de fundo a Revolução Farroupilha. No romance Anita Garibaldi é somente citada.

Contudo, a Rede Globo de televisão, no ano de 2003, fez uma adaptação do romance á uma minissérie, escrita por Maria Adelaide de Amaral e Walter Negrão, dirigida por Jayme Monjardim. Nos papéis principais, Tiago Lacerda interpretando o personagem Giuseppe Garibaldi, e Giovana Antoneli interpretando a personagem Anita Garibaldi. Percebemos que através dos rostos dos atores, foi “reinventada” a imagem de Anita e Garibaldi. O que ficou na memória de quem assistiu a minissérie, foi a imagem, a fisionomia dos atores. Ao ser mencionado o nome Anita Garibaldi e Giuseppe Garibaldi, hoje, logo será lembrado Giovana Antoneli e Tiago Lacerda.

Para manter o público alvo - a família brasileira - em frente a televisão, com o canal sintonizado na emissora, os diretores, transformam a casa onde viviam as sete mulheres, em um palco de freqüentes encontros, festas e personagens que se envolvem diretamente nos episódios da Revolução Farroupilha, bem diferente do que a autora Letícia Wierzchoswok aborda em seu livro. É importante mencionar os erros geográficos, as cenas eram gravadas em lugares que não correspondem ao local de combate e onde viviam as mulheres confinadas na casa. Contudo, na televisiva nota-se um descaso com a historiografia, a deturpação da imagem do livro o qual foi vinculada a minissérie. *A Casa das Sete Mulheres*, minissérie veiculada em 2003 é lançada como DVD e reapresentada em 2006.

Outros olhares sobre Anita Garibaldi saem de dentro das universidades, principalmente com o comprometimento histórico. O historiador Antonio Elybio Manoel Jr, em sua dissertação de mestrado em história, “*Uma Heroína na História: representações sobre Anita Garibaldi*”,²⁴ recupera a imagem de mulher que foi massificada ao logos dos séculos, e pela história. Em seus 3 capítulos, mostra como Anita Garibaldi foi construída e como ela tem sido representada para a sociedade, desconstruindo o mito de heroína, estudando o imaginário e suas diferentes representações. Discute também as festividades do Centenário da República

²⁴ELÍBIO JR, Antônio Manuel. **Uma Heroína na História: Representações sobre Anita Garibaldi**. Florianópolis: 2000. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Juliana em Laguna, no ano de 1939, comemorações estas que imprimiram novas cores à imagem de Anita Garibaldi, quando Getúlio Vargas empenhava-se em formar heróis que atuaram na Farrroupilha, e, em meio as festas cívicas, percebeu a forte campanha propagandista que fez até mesmo um selo com a efígie de Anita Garibaldi.²⁵

A historiadora Cíntia Viera Solto, em seu artigo “Anita Garibaldi: *heroína, mas virtuosa*”²⁶ faz uma revisão da biografia sobre Anita Garibaldi na historiografia, analisando os propósitos que essa biografia serviu e ainda serve.²⁷ Segundo Cíntia, “ em 1807 o centenário de nascimento de Garibaldi foi amplamente comemorado no Rio Grande do Sul.

Giuseppe e Anita passaram a simbolizar a família ítalo-brasileira, dada a imigração italiana e a busca de modelos de família aceitos à época. No século XX grande leva de italianos vieram para o Brasil, formando uma nova classe brasileira e uma elite Ítalo-Brasileira, sendo que era necessária a cooptação deste novo grupo, e a valorização da família mista. A autora mostra uma questão específica de gênero: “o fato de Anita ter abandonado o marido e viver com Garibaldi e as diversas versões deste fato.”²⁸

De acordo com a autora, “A idéia de ser heroína está ultrapassada. Muitas mulheres foram bravas na Revolução Farrroupilha sem empunhar armas. Muitas outras pegaram em armas e não tiveram seus nomes conhecidos pela história.”²⁹

Uma outra produção acadêmica que fala sobre Anita Garibaldi, mesmo não tendo ela como seu objetivo de pesquisa, é a de João Batista Bitencourt, em sua dissertação de mestrado intitulada *Clio Positivada: a artesanaria da cidade histórica de Laguna*.³⁰ Em seu trabalho, mostra a construção histórica de Laguna através dos vários discursos na busca de uma identidade para a cidade, percebendo a fixação de uma imagem do passado de Laguna, justificada por discursos elitistas. Mostra o discurso autorizado sobre a Laguna de hoje, sua imagem oficializada, que a vê como cidade de belezas naturais e principalmente de tradição histórica, fazendo-a figurar como centro turístico.³¹

Para tal estudo, mergulhou também nos discursos produzidos, e, no segundo capítulo, *História Como Arma*, que se refere à República Juliana, João Bitencourt analisa as narrativas históricas sobre a “heroína” e sobre Garibaldi, percorrendo a historiografia e as narrativas

²⁵ ELÍBIO JR, Antônio Manuel. A fabricação de uma heroína: Anita Garibaldi. **Revista Esboços**, v. 6. Florianópolis: PPGH/UFSC, 1998, p. 91-97.

²⁶ SOUTO, Cíntia Vieira. **Anita Garibaldi: Heroína, mais virtuosa**. Artigo apresentado no seminário internacional fazendo gênero 7. http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf.

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ SOUTO, Cíntia Vieira. **Anita Garibaldi: Heroína, mais virtuosa**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf

³⁰ BITENCOURT: João Batista. **Clio Positivada: A artesanaria da cidade histórica de Laguna**. Florianópolis: 1997. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina UFSC.

³¹ Idem.

históricas quanto a implantação do regime republicano em Santa Catarina, mais especificamente com a criação do Instituto Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), em 1896.³² Consta que o Instituto, além de surgir com a finalidade de escrever uma história oficial, tinha como objetivo unir a população catarinense, e, além de uma história de vencidos e vencedores, era necessário que se construíssem heróis. Coube ao membro o IHGSC, Virgílio Várzea, narrar essa história.

Analisando as relações de gênero em artigos da revista IHGSC, Rosa Maria Schroeder, assinala que.

[...] o mal-estar de Virgílio Várzea ao reconhecer o heroísmo da mulher. A autora mostra que Várzea para reconhecer em Anita uma mulher que não desempenha somente um papel tradicional de mãe e esposa, lhe retira a “faceirice, a garridice característica do se seu sexo”. Anita é em Várzea uma heroína, uma mulher excepcional, masculinizada.³³

Há produções acadêmicas que possuem um papel comprometido com a sociedade utilizando-se de metodologias científicas na pesquisa e, no caso das obras acima citadas, com metodologia de pesquisa histórica. É ingenuidade acreditar na imparcialidade total, seria negar-se a si mesmo; o que difere uma produção acadêmica de uma produção literária, biográfica, estatística, arquitetônica (no caso de monumentos), são os olhares e o público destinados a produção.

Sobre o livro “Aninha do Bentão”,³⁴ romance escrito pelo jornalista tubaronense Walter Zumblick, e que sendo este o objeto de minhas análises neste trabalho, a primeira edição do livro é feita em 1980, patrocinada pela Prefeitura Municipal de Tubarão e, é reeditado em 1999 pela IOESC, tendo como patrocinadora a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e três empresas privadas.

Ao longo de 15 capítulos espalhados em 110 páginas, o autor narra a história de Anita Garibaldi e Giuseppe Garibaldi em meio a Revolução Farroupilha desde que se conheceram, fugas das tropas imperiais, viagem para Itália, a morte e os sete sepultamentos de Anita. Busca heroizar a imagem da personagem de seu romance, afirmando que a naturalidade de Anita é de Tubarão, justificando a fuga de Anita de Laguna, até então considerada uma prostituta, e o casamento com Garibaldi, tornado-a uma mulher agora casada, e respeitada

³² Idem, p. 107.

³³ BITENCOURT: João Batista. **Clio Positivada: A artesanaria da cidade histórica de Laguna**. Florianópolis: 1997. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, p. 107.

³⁴ WALTER, Zumblick. **Aninha do Bentão**. Tubarão: IOESC, 1980.

pelo matrimônio. Não vivendo em pecado passa a ser uma mulher que viveu dentro dos padrões exigidos pela igreja católica e por servir a pátria até morrer, sendo assim atitudes suficientes para considerá-la heroína. Zumblick constrói argumentos para naturalizar os atos de sua personagem, dentro de uma trajetória linear para convencer o leitor de suas afirmações. Anita ao morrer lutando pela pátria ao lado do homem que amava, foi mãe, fato que “limpa” seu passado “sujo” e sua trágica morte, e a canoniza, ao mesmo tempo em que solicita o reconhecimento da pátria - Brasil - e perdão por seu ato de bravura, e amor, na busca de dar legitimidade à heroína brasileira. A intenção dita na segunda edição na apresentação do livro, feita por Raimundo Zumblick, é que o livro seja uma cartilha destinada os jovens catarinenses, e ser distribuídas nas escolas a fim de aprenderem a história catarinense sobre a “heroína dos dois mundos”, deixando o exemplo, de mulher, de mãe, e de cidadã. Sobre esta obra, veremos no próximo capítulo.

“ANINHA DO BENTÃO”: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER E DA HEROÍNA

Ao analisar uma obra, é indispensável em primeiro lugar saber quem é o autor. O Livro *Aninha do Bentão*³⁵ foi escrito por Walter Zumblick, nascido no dia 17 de abril de 1908 na cidade de Tubarão, Santa Catarina. Por um longo período morou fora de Tubarão onde estudou e iniciou sua vida profissional. No ano de 1933, casa-se com Síría Souza Pinto, tendo o casal três filhos. Sobre a vida profissional de Zumblick, ao retornar para Tubarão, sabemos que exerceu várias funções na prefeitura, foi sócio em uma torrefação de café, proprietário de tipografia, exerceu cargos de gerente, tesoureiro, contador no banco INCO, ingressou por concurso na Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, foi orador sempre solicitado nas solenidades festivas de Tubarão, foi um dos fundadores do ginásio Coração de Jesus posteriormente Colégio Dohn. Faleceu em 15 de dezembro de 1989.

Como escritor, publicou uma monografia sobre a Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, colaborou com a primeira emissora de rádio local, e escreveu para alguns jornais da cidade, ficando conhecido por suas crônicas intituladas “Da minha janela”. Escreveu dois volumes do livro com o título *Este meu Tubarão*³⁶, estudou e reuniu peças arqueológicas dos sambaquis da região, doando-as posteriormente, ao museu da UNISUL, o qual leva seu nome.

No ano de 1980 publica o livro *Aninha do Bentão*³⁷, um romance abordando a vida e morte de Anita Garibaldi, aonde vem afirmar que ela é tubaronense, legitimando a imagem de heroína.

O livro teve duas edições, à primeira em 1980, tendo apoio financeiro para sua produção e publicação da prefeitura de Tubarão. A segunda edição sai em 1999 pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com apoio cultural do Angeloni Supermercados, Portoblello e Porto de Itajaí, tendo a impressão feita pela Imprensa Oficial de Santa Catarina (IOESC). As ilustrações do livro são das telas do artista plástico Willy Zumblick. O motivo que levou a universidade reeditá-lo foi por ter sido aprovado na comissão designada através do Decreto Estadual nº 237/99, Universidade do Estado de Santa Catarina, dentre as ações constantes do Programa Celebrativo do Sesquicentenário da morte de Anita Garibaldi e como contribuição ao culto à memória e ao resgate de sua história, por considerarem um importante elemento literário que retrata a vida de Anita Garibaldi, a “Heróina dos Dois Mundos”.³⁸

³⁵ ZUMBLICK, Walter. **Aninha do Bentão**. Tubarão: IOESC, 1980

³⁶ ZUMBLICK, Walter. **Este meu Tubarão**. Florianópolis: IOESC, 1974.

³⁷ Idem 32.

³⁸ WALTER, Zumblick. **Aninha do Bentão**. Tubarão: IOESC, 1980



Figura 1 - Capa do livro reeditado.



Figura 2 - Alegoria da Comemoração

O livro é um romance, segundo o próprio autor, que conta a vida e morte de Anita Garibaldi. A proposta do autor era fazer do livro uma cartilha aos jovens explicando sobre a vida de Anita Garibaldi, destinando o livro às bibliotecas de escolas e outras instituições públicas, para que os jovens também a reconhecessem como heroína, e não como uma simples mulher que não gostava de sua vida monótona saindo de sua terra, aventurando-se com um marujo pelo mundo afora. Zumblick justifica as atitudes de Anita discutidas entre vários literários, políticos, jornalistas, historiadores, juntamente com a naturalidade de Anita, onde o autor afirma ser de Morrinhos Tubarão.

Na narrativa ao longo dos 14 capítulos é forte a presença de descrições do perfil sentimental de Anita, envolvendo-se com a história não separando a ficção da realidade. Não utiliza qualquer método científico para uma pesquisa histórica. Nereu Correia³⁹ escreve o prefácio do livro. O apresenta dizendo ser uma obra literária de caráter histórico, que contribui para a história e a memória catarinense. Nereu Corrêa era no momento em que prefacia crítico literário e conselheiro do TCE de Santa Catarina. Logo, o que ligava Walter Zumblick a Nereu Corrêa era a literatura.

Caminhando na perspectiva de que a análise da narrativa observa quem o produz e para

³⁹ Nereu Corrêa de Souza foi escritor, crítico literário, e conselheiro do TCE de Santa Catarina, onde a biblioteca de onde foi conselheiro leva o seu nome.

Fonte: http://www.tce.sc.gov.br/site/servicos/capacitacao/biblioteca/setor_catarina.html 28/06/20047.

quem se destina determinada produção, é notável que uma das preocupações do autor é fechar algumas lacunas da história sobre Anita Garibaldi, de Giuseppe Garibaldi, durante a Revolução Farroupilha, bem como reeleger alguns fatos que, segundo Zumblick, são importantes, porém deixadas de lado por pesquisadores que escreveram antes dele, modificando alguns fatos, e atitudes dando um novo sentido a história de Anita Garibaldi.

Contudo, é questionável a consideração por parte de Raimundo Zumblick – reitor da UDESC no ano em que sai o livro pela universidade - de o livro *Aninha do Bentão*, ter caráter histórico, pois o autor não segue as normas de publicação, omitindo referências bibliográficas, fontes pesquisadas e referenciais teóricos. Percebe-se a ausência de metodologias na pesquisa e produção de estudos em história, a desconsideração de onde fundamentou suas pesquisas e onde se firmou para suas afirmativas, dando a idéia de um resumo de obras biográficas, salientando alguns equívocos de outros autores, caracterizando como novas descobertas sobre o assunto abordado.

Faz-se necessário lembrar que a obra foi publicada no ano de 1980, onde a própria história tinha uma perspectiva diferente da abordada nos dias de hoje, que a formação do autor é jornalística e era escritor de crônicas, logo, não tinha conhecimento de método científico na pesquisa histórica. Tinha como referência autores positivistas, juntamente com seu olhar jornalístico, literário, romântico, por ser um apaixonado pela história de Anita Garibaldi, percebendo negações históricas que poderiam “manchar” a imagem de heroína a qual é muito defendida por outro jornalista, Paulo Markum. A linguagem usada por Walter Zumblick soa como poesia lírica, utiliza-se de um vocabulário erudito mostrando-se como um homem “culto” com o domínio das letras.

Inicia o livro mostrando a proposta de fazer uma obra sobre um ícone tão questionado pelos intelectuais das diversas áreas das letras. Explica que a única pretensão é a de preencher as lacunas da história que envolve Anita Garibaldi, reeleger novas inquietações deixadas de lado por pesquisadores anteriores ao Zumblick, e para a juventude escolar catarinense, conhecer e reconhecer Anita Garibaldi como uma heroína. Mas lendo a obra, percebe-se uma narrativa que pouco elucida a historicidade, mais preocupada em endeusar a mulher pobre que lutou por amor, sendo que o leitor conhece pouco ou nada conhece da história da Revolução Farroupilha e seus desdobramentos, teria dificuldades de encadear a narrativa.

Frases curtas, soltas, rebuscadas, ao gosto literário do autor, e com muitos erros de português, a construção mostra que não houve revisão - mais parece um livro encomendado para dar visibilidade ao autor.

2.1 Representações da mulher na obra de Walter Zumblick

O autor Walter Zumblick, constrói duas imagens a uma mesma personagem, Ana Maria de Jesus Ribeiro, moça de Morrinhos, Tubarão, tida como meiga, feminina e incompreendida por ser, na visão do autor, uma mulher “à frente de seu tempo”. A outra construção é de uma Anita Garibaldi soldado, mulher vestida de homem, com espada e arma no cinto, que luta nas guerras por amor a Garibaldi e não por ódio, mas, sem nenhum ideal político.

Diferenciando a mulher antes de conhecer Garibaldi e depois de conhecê-lo, Zumblick evita julgamentos sobre a “conduta moral” de sua heroína, apenas a defende de um olhar que a julga como mulher vulgar, pecadora, onde dedica um capítulo pedindo, perdão alegando que o único pecado que cometeu foi o de amar.

Relata a fuga de Garibaldi para o Brasil, rapidamente narra a infância e juventude na Itália tendo este sangue revolucionário herdado de seu pai, como conheceu Bento Gonçalves, aderindo à Revolução Farroupilha, narrando os combates dos farroupilhas e dos imperialistas e citando alguns nomes eleitos como importantes durante essa guerra, que durou dez anos.

Sobre Ana Maria de Jesus Ribeiro, o autor menciona através de um relato de uma amiga de infância de Anita, chamada Licota, e de alguns moradores mais velhos das redondezas de Morrinhos, que a descrevem como uma moça sonhadora, de um gênio forte, rebelde, que montava em pêlo, não tinha medo de homens nem animais. Durante a mocidade por suas atitudes de rebeldia, era falada por toda a vizinhança, caracterizando a personalidade de uma moça rebelde, e atrevida. Zumblick descreve representações que teriam sido feitas por moradores:

-Quem, a Aninha, a filha do Bentão?

- Aquilo foi a guria mais levada da redondeza, credo!

E, as informações vinham depois. Cheias de detalhes, trasbordantes de minúcias, contando passagens de menina cujos costumes já haviam caminhado para um tempo mais avançado do que sua época.⁴⁰

Ana Maria de Jesus Ribeiro ou Aninha do Bentão, como era conhecida, era filha de Bento Ribeiro da Silva, chamado de Bentão, e sua mãe Maria Antunes de Jesus Ribeiro. Nasceu na cidade de Morrinhos, Tubarão, segundo Walter Zumblick, em meados de 1820 e

⁴⁰ ZUMBLICK . p 36

1821, ainda quando criança Ana Maria tinha atitudes diferentes das outras crianças de sua idade, enquanto as outras crianças brincavam de mãos dadas cantando cantigas, ela se isolava triste a pensar na vida, contudo ora era menina levada, sapeca, suas travessuras anunciaram desde cedo o caráter marcante “típico de uma heroína” que ainda nem imaginava seu futuro, muito menos que se tornaria, ou melhor, a transformariam em heroína quando mulher, características estas que ainda quando criança fazia com que seus pais tivessem vergonha e construindo inimizades com vizinhos por tais diabruras e atitudes de menino.

Já em sua mocidade, muda-se para Laguna com sua família em função do trabalho de Bentão, que era tropeiro. Baseado em diversas leituras no levante bibliográfico, Ana Maria de Jesus Ribeiro teria se casado com mais ou menos 15 anos de idade, no dia 30 de agosto de 1935, com Manuel de Aguiar conhecido como Mané Sapateiro por causa de seu ofício, um casamento arranjado pela mãe do que pela própria noiva, motivada pelo desejo por uma vida financeira melhor para ambas, mãe e filha. Mané sapateiro, é descrito nas mais diversas biografias como um sujeito fechado, introvertido e ciumento, o casamento durou um ano.

Neste curto período, ocorreram inúmeros desentendimentos levando ao desgaste do casamento por ciúmes de Manoel, que este limitava-se ao ofício e as pescarias noturnas, de uma vida sem brilho, um casamento sem filhos e falta de amor por parte de Ana Maria por seu marido.

Em 1939, ocorre a ocupação de Laguna por tropas de soldados da farroupilha. Segundo Zumblick é a bordo do navio que Garibaldi avista Ana Maria e se encanta com ela e então Garibaldi começa freqüentar a casa do casal Ana Maria e Manuel, este sumindo misteriosamente algum tempo depois. Há inúmeras hipóteses sobre o sumiço de Mane Sapateiro juntamente, com o aparecimento de Garibaldi e os motivos que levaram Ana Maria de Jesus Ribeiro a ir embora de Laguna junto com Garibaldi.

O autor da obra em análise aponta três hipóteses para o sumiço do marido de Ana Maria. Manoel: simplesmente teria abandonado sua esposa, e como praça teria seguido os exércitos imperiais, sendo incorporado pela Guarda Nacional, tendo como destino a Capital da província, mesmo com a permissão de levar a esposa, simplesmente à abandona. Já a segunda hipótese, seria de que Manoel teria morrido em combate contra os soldados de Canabarro, a terceira hipótese, Manoel teria sido preso por marinheiros farrapos, o primo do sapateiro João Duarte, soube do acontecido e pediu a Garibaldi que Manoel fosse solto assim a solicitação foi feita.

A partir deste fato, pesquisadores acrescentam outros motivos que levaram ao desaparecimento de Manoel. Lembro que estas hipóteses já haviam sido levantadas por outras

narrativas, cada qual sem precisão, e que o autor aqui em destaque recupera, sem críticas.

Uma nova fonte, um documento datado de 6 de junho de 1935, revela que o casal Manoel e Ana Maria foram morar na casa de João Duarte, de quem era sobrinho e filho de criação percebemos que João Duarte citado por Zumblick como primo de Manoel na “verdade é tio-, Garibaldi logo travou relações com João Duarte, passando ser freqüentador da casa onde também morava o casal. Garibaldi já andaria de amores com Ana Maria dentro da casa, Manoel foi preso por um dos soldados de Garibaldi e João Duarte pede que se sobrinho seja solto e Garibaldi atende seu pedido, porém esta hipótese se divide em dois desfechos: Garibaldi manda soltar o sapateiro, porém seu soldados já haviam matado, este relato é ditado por Dona Lucinda a Taciano viúva de João Duarte , a mais aceitável é o desfecho de Licurgo, ao ser soldado, o sapateiro alista-se nas tropas oficiais deixando a esposa, sem maiores escândalos Garibaldi assume o romance com Ana Maria e passam a viver juntos no Rincão um bairro de Laguna⁴¹.

Porém para o sumiço de Manoel Duarte, o sapateiro, existe outra explicação: Bentão, pai de Ana Maria estaria vivo entrevado juntamente com seu genro durante a tomada de Laguna, tendo passado mal o marido de Ana Maria, Garibaldi leva Manoel para o hospital de Laguna onde ela permanece ao seu lado. A esposa cuida de seu marido, com o passar dos tempos desenvolve habilidades de uma enfermeira, permanecendo fiel até a morte de Manoel, diante da amizade e da prestação de socorro de Garibaldi ao seu marido nasce um amor.

Estas tantas possibilidades de rompimento entre Ana Maria e Manoel que abrem as discussões, e as interpretações sobre o caráter da heroína Anita Garibaldi. A condição de viúva, mulher abandonada, fiel, que, a partir do vários olhares se construiu um modelo de mulher, almejada, que só perseguiu Garibaldi depois de cuidar do marinheiro e ficar viúva. Esta interpretação pretende mostrar que não teria traído o marido, portanto ser digna de ser cultuada como heroína.

No mesmo ano da tomada de Laguna pelos farroupilhas, que Ana Maria de Jesus Ribeiro, parte de Laguna junto com Giuseppe Garibaldi mesmo a contra gosto do corço para mais uma missão de Bento Gonçalves, sem noção alguma do que é guerra com a intenção somente de seguir ou perseguir “seu homem” onde viverá 10 anos entre batalhas na revolução farroupilha.

Sobre o encontro de Ana Maria de Jesus Ribeiro e Giuseppe Garibaldi Walter Zumblick dá poucos detalhes, descreve que Giuseppe Maria Garibaldi chega a Laguna nesta época, meados do século XVIII, estava desde o ano de 1838 a serviço da causa Farroupilha vindo do

⁴¹ MARTINS, Celso. **Aninha Virou Anita**. Florianópolis: Ed. A Notícia. 1999. 191p

Uruguai. Durante a missão insiste que a invasão a Laguna deveria ser feita por terra e não por mar, desta forma é que conheceu sua companheira.

Garibaldi era homem e foi seduzido pela impressão que teve de Anita na praia assim descrita as mulheres que lavavam roupas. Rosa Maria Schroder, no *artigo* “As relações de gênero e a história”⁴² analisa o perfil e os discursos sobre Anita Garibaldi, e mostra o primeiro contato entre Anita e Garibaldi. Esse encontro teria sido na paria, Anita estaria chorando pelo marido doente. Garibaldi aproximando-se da mulher - que ao longe teria lhe chamado à atenção-, ao saber o motivo de suas lágrimas, prontifica-se em ajudar os acompanhando até o hospital. Garibaldi apaixona-se por Anita, vendo a dedicação e presença no cotidiano da esposa cuidando do marido.

Mesmo existindo divergências entre os que escreveram sobre Anita e Garibaldi, e o Mané Sapateiro e que estivesse doente ou não, no dia em que Giuseppe e Anita se encontram pela primeira vez, ou que ela estaria lavando roupas ou somente junto às samaritanas; ou chorando no desespero de não saber o que fazer para cuidar de seu marido, ambas as atitudes estão ligadas a uma função extra-lar: ação assistencial o qual era supervalorizado para época uma extensão do seu papel maternal, ou seja, em meio às samaritanas lavando roupas atividade naturalizada feminina e estaria na companhia de outras mulheres.⁴³

Um raio de beleza e de juventude a inundar o coração de Garibaldi com graça e feminilidade e, este sim seria a mulher que o herói tinha se apaixonado à distância. “Força misteriosa ou imã potente parece realizar o encontro dos desconhecidos pelos cruzamentos das estradas do mundo. O destino...”⁴⁴ na narrativa Zumblick faz alusões poéticas - “Num gigantesco mais invisível tabuleiro de xadrez, duas “pedras” – um rei e uma rainha - caminham, convergentes para um encontro histórico e inesperado”.⁴⁵

A imagem descrita de uma mulher em meio às samaritanas lavando roupas mostra uma mulher de classe social menos abastada, realizando tarefa específica de mulher para tal classe e juntamente com outras mulheres, sendo vista pelo corço somente a beleza física e não por uma personalidade que será discutida, mas adiante neste capítulo. O fato de estar em meio às samaritanas faz dela nas entrelinhas da literatura, uma mulher casada, sociável e de boa conduta, pois as mulheres “mal vistas” andavam só pois não era permitido que mulheres de boa conduta permanecessem na companhia de uma mulher falada mesmo na realização de lavar roupas um ato muito comum feito em conjunto.

⁴² SCHORDER, Rosa Maria. As relações de gênero e a história produzida pelo Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina. In. **Revista Esboços**, Florianópolis: UFSC 1996.

⁴³ Idem.

⁴⁴ ZUMBLICK, p. 51

⁴⁵ ZUMBLICK, p. 35

Sua construção depois de conhecer Garibaldi é cheia de detalhes, e Zumblick descreve características físicas, a personalidade, os atos, e justifica o motivo de ter agido por determinada maneira, até como estava vestida em determinada ocasião passando ser masculinizada.

É a partir da aproximação de Ana Maria de Jesus Ribeiro de Giuseppe Garibaldi que ela é construída como uma mulher pecadora, ao longo dos dez anos de guerra seguindo, acompanhando ou perseguindo Garibaldi. Consta na narrativa do autor que várias vezes Anita é abandonada pelo seu marido em campo de batalha, sendo jogada a carnificina das lutas, combatendo na linha de frente junto aos soldados farroupilhas, nascimento de três filhos em meio as guerras a fuga da prisão dos inimigos, ou seja, o sofrimento e o inconformismo são elementos que formam a base das alegações para o reconhecimento desta mulher catarinense como heroína anos depois a sua morte, primeiro na Itália e posteriormente no Brasil.

O futuro soldado do Rissorgimento italiano, assim parece fartou-se cedo de Ana de Jesus, a moça morena de Morrinhos.

E, ao amor que esta oferecia a todo o instante, seja na hora dos combates como um anjo de proteção, no desencontro das caminhadas, no perigo que rondava a vida dos guerreiros “farrapos”, Garibaldi dava em troca, numa usura de retribuição, a indiferença a rispidez e aquele velado desejo de que Ana de Jesus fosse envolvida no rodão dos entreveros, a sumir, para sempre seja perdida pela mata, prisioneira dos imperiais e, quem o negará, ferida e morta num instante que, épico, sangraria qualquer herói.⁴⁶

O primeiro conflito entre farroupilhas e imperiais passado por Ana Maria de Jesus é conhecido como um marco histórico na Revolução Farroupilha, chamado batizado de fogo de Ana Maria, no combate de Imbituba onde ela é baleada, porém sobrevive, mostrando sua audácia, valentia e força diante dos marinheiros e soldados garibaldinos.

Essa passagem é escrita com muita paixão por Walter Zumblick: Ana Maria pega em armas, desafia os soldados covardes que estariam escondidos no porão do navio. A partir de então, Ana Maria passa a ser masculinizada na literatura.



Figura 3: Ilustração de Willy Alfredo Zumblick

⁴⁶ ZUMBLICK, p. 62.

Durante a narração de Zumblick sobre os dez anos vividos de Ana Maria de Jesus Ribeiro, até onde começa a chamá-la de Anita, mostra que ela foi jogada por seu amor a carnificina três ou quatro vezes dizendo que a história conta estes apuros passados por ela, contudo não justificam, não buscam razões satisfatórias para tal atitude de Giuseppe Garibaldi a não ser o motivo de tentar livrar-se da mulher que tanto o perseguia.

Segundo descrição do perfil de Anita feita por Zumblick, mostra como uma mulher sedenta por um amor verdadeiro, sem medo de buscar a felicidade, ousada a ponto de pegar em armas para ficar ao lado de seu grande amor, um amor à primeira vista. Para tais descrições ele as qualifica como masculina e feminina.

(...) nossa Aninha sonhadora e o soldado galanteador (...) eram apontados em surdina, cheios de malícia que, poucos dias depois do desembarque “farrapo”, o casal de amantes passou a viver juntos no Rincão.⁴⁷

A cavalo e vestindo um traje masculino, a moça de Morrinhos desenvolveu uma azáfama que a todos causava espanto e confiança.⁴⁸

Segundo esta narrativa, é no imaginário da população Lagunense da época que Ana Maria de Jesus Ribeiro caiu em tentação por um corço marinho, não respeitando seu casamento ou não respeitando sua viuvez sendo vista pela população como uma prostituta, passando a ser mal falada. Já produções literárias, defendem Anita da acusação de infiel e de prostituta alegando este ser o motivo de não a reconhecerem como heroína na construção de heróis, o passado, deve ser imaculado. Negando a veracidade dos fatos da vida de uma pessoa que foi escolhida a permanecer na memória da história de um país, sendo preservada a imagem de virtude e fidelidade, segundo as concepções positivistas e republicanas. José Murilo de Carvalho mostrou que, para dar heroísmo ao Tiradentes, por exemplo, forjou-se um passado imitando, o martírio de sua morte e assim levado ao panteão dos heróis da república. o novo regime implantado, tentou fundar e significar símbolos, imagens, heróis para consolidação da república. Assim destaca José Murilo de Carvalho, os propagandistas da República utilizaram a leitura do imaginário popular para pintar o herói cívico, o mártir que soube morrer sem traço de temor.⁴⁹

⁴⁷ WALTER, Zumblick. **Aninha do Bentão**. Tubarão: IOESC, 1980. p. 56.

⁴⁸ Idem 44. p.69.

⁴⁹ CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.55.

2.2 Representações na construção da heroína

A mudança no nome de Ana Maria de Jesus Ribeiro veio com o segundo casamento em Montevideu passando a se chamar Anita Garibaldi, uma tradução do português para o italiano do nome Ana, e que a discussão por ela ter se casado novamente em outro país no religioso, seria porque teria alegado ser solteira? Viúva? Zumblick diz pouco sobre o segundo casamento de Anita, mesmo porque o casamento religioso católico é realizado uma única vez, contudo Zumblick afirma que a mãe de Anita, Maria Antunes de Jesus Ribeiro, teria concordado com o segundo casamento e comparecido na cerimônia no Uruguai em dezembro de 1887, onde permaneceram por alguns anos.

Ao se casar, Anita torna-se senhora e ganha respeito, deixando de ser amante e sim esposa, passando a freqüentar as rodas de sociedade e mudando de atitudes. Observa-se que ela passa por um processo de civilidade no Uruguai, onde viveu com Garibaldi adquirindo prestígio e fama. Segundo Zumblick, aquela moça antes de gestos ousados, que não temia pegar em armas, ficou somente na lembrança de quando ainda morava em Morrinhos. Consta que, ainda morando em Morrinhos, nesta fase de pouco dinheiro e seu apoio financeiro da maçonaria, Anita começa a trabalhar como costureira, escondida de Garibaldi. Um trabalho dito como feminino, aprisionando a guerreira e sendo então construída para a esfera do lar, ou com papéis voltados para mulheres “honestas”, diferentemente das mulheres “faladas”.

Esta mulher, antes digna de apedrejamento, posteriormente digna de veneração, teria que ser marcada por sofrimentos para sua purificação, assim como Maria Madalena, prostituta que iria ser apedrejada, porém, um homem justo interferiu a seu favor lembrando que somos todos pecadores e dignos de perdão sendo absolvida de seus pecados. Essa construção mostra que Anita está acima do bem e do mal. Como heroína ela deveria ter atitudes diferentes das outras mulheres comuns, sendo assim, é justificada suas atitudes enquanto mulher, o que deveria ser perdoado, já que o seu maior feito foi defender uma nação. Contudo, o fato de Garibaldi assumir seu relacionamento com até então Ana Maria perante a sociedade lagunense, levando-a para a luta, pagando com seu sofrimento, cuidando de doentes, sendo abandonada em meio de batalhas por quem ela tanto amou, seguiu-o, sendo obediente e fiel, até a sua morte, firmou o ponto final de sua purificação, assim segue a construção do mito.

O jornalista Paulo Markum defende Anita da acusação de infiel e de prostituta alegando este ser o motivo de não a reconhecerem como heroína. Segundo as concepções positivistas, o herói deve ter um passado limpo, ocultando a veracidade dos fatos da vida de uma pessoa

que foi escolhida a permanecer na memória histórica de um país, sendo preservada a imagem de cidadão perfeito.⁵⁰

No século XIX o modelo de mulher, é a “mulher assexuada”, vive dentro da esfera do lar, dedicando-se exclusivamente a maternidade e aos afazeres domésticos, caso a mulher não cumpra seu papel é uma mulher fora das regras e fora da vida social digna e recatada. Segundo Zumblick, e outros autores, a personagem nunca se conformou com o modelo de mulher imposto pelos homens, sua feminilidade estava sempre ligada a sensualidade e ao pecado. Por amor, ou por medo de perder Garibaldi, Anita o segue ou o persegue por onde quer que ele fosse até mesmo durante as batalhas.

Se participou ativamente ou não das guerras, só isso não a torna heroína. Ana Maria de Jesus Ribeiro teria saído de Laguna para ir embora com Garibaldi e sua intenção era de constituir uma família a qual não teve com seu primeiro marido, e para não ser mais motivo de chacota para suas vizinhas. Contudo, consta que tinha ciúmes de Garibaldi, visto como “galanteador” em Montevideu, e, numa passagem, Anita corta os cabelos de Garibaldi, que eram cumpridos, e poderiam despertar olhares e suspiros das mulheres locais.

A personagem Anita sempre aparece na literatura ligada a um homem, no caso Garibaldi, e nunca por realização pessoal. Um dos motivos que à levou a sair de Laguna seria o pavor das fofocas e por querer preservar-se delas. Zumblick fala que ela preferia morrer em batalha que voltar a Laguna. Zumblick deixa bem claro em seu discurso a preocupação de Anita sobre o que pensavam dela enquanto viva e moradora de Laguna sendo esta a primeira tentativa de Garibaldi se livrar de Ana Maria.

Ana Maria bate o pé! Se Garibaldi pensa em abandoná-la ela seguia seus passos, ainda, que, para tanto, tivesse que enfrentar canhões assassinos, o mar que desconhecia e resmungos do seu homem.

Estava ali a moça de Morrinhos, requebrando em audácia de um moleque atrevido.

Não voltaria ao Rincão vencida e desprezada pelo seu amante e enfrentar a sua vizinhança rebentando de ironia e a galhofa daquelas mesmas pessoas que iriam festejar, com zombaria, o possível fim de um romance de pecados.

Antes morrer num convés de um navio cortado pela metralha que encarar o mulherio da rua do Rincão, com seus risos e suas chacotas que feririam mais que os balaços imperiais. (...) Ana Maria não temia em morrer lutando, tinha pavor do linguajar e das falas em surdina dos moradores da rua do Rincão.⁵¹

Historicamente, Anita vira heroína bem depois de sua morte. Por ser vista como uma mulher impura, uma prostituta, assim os pesquisadores tiveram que criar uma imagem

⁵⁰ MAKUM, Paulo. **Anita Garibaldi, uma heroína Brasileira**. São Paulo: Ed. SENAC.2003, 303p

⁵¹ ZUMBlick, p 58.

positiva para a personagem, e para servir aos interesses da nação brasileira, representando o país sendo esta merecedora de ser figura de uma medalha brasileira de honra ao mérito. Anita Garibaldi foi construída uma mulher sem medos, lutando até contra a morte. Passou por sete sepultamentos, e hoje o que restou do seu corpo está na Itália. A morte de Anita rendeu várias manifestações, na Itália por Mussolini no Brasil por parte dos membros do Instituto Geográfico Brasileiro, Instituto Geográfico de Santa Catarina, na construção histórica e da identidade brasileira e catarinense, buscando uma figura de herói. Ao comunismo, Luiz Carlos Prestes coloca o nome de sua filha Anita Leocádia em homenagem a “patricia” que morreu vítima de febre tifóide em meio a fuga.⁵²

Mussolini fez uma peregrinação com seus restos mortais, na campanha de unificação da Itália iniciando o processo de heroização de Ana Maria de Jesus Ribeiro ou Ana de Jesus como cita Zumblick. O autor da obra em análise faz separação de nomes, chama a personagem de Ana de Jesus antes de casar-se no religioso com Giuseppe Garibaldi alegando fidelidade aos fatos históricos e aos documentos, pois em sua certidão de casamento religioso com Manuel Duarte e a certidão tardia de nascimento consta o nome de Ana Maria de Jesus Ribeiro. A partir do documento de casamento religioso com Garibaldi ela troca seu nome para Anita Garibaldi, e segundo Celso Martins, com o reconhecimento de Anita como heroína, abre-se a possibilidade de um oitavo sepultamento, sendo este no Brasil, na cidade de Laguna, lugar onde legalmente reconheceram sua naturalidade. Para alguns estudiosos, Anita é Lagunense; para outros, há quem afirme que ela seja lagueana, porém a base desta discussão é a localização de Morrinhos local onde a personagem nasceu.

Seu nome foi “glorificado” para servir ao interesse do positivismo a pós a proclamação da república no Brasil.
 (...) Nas décadas de 30 e 40 o mito serviu aos interesses do fascismo na Itália, no Brasil tinha a imagem usada pelo integralismo direitista enquanto muitos núcleos do Partido Comunista se denominavam Anita Garibaldi, no me que foi dado à primeira filha de Luiz Carlos Preste⁵³.

Os setes sepultamentos de Anita Garibaldi encontram-se na obra de Zumblick da seguinte forma: falece em 04 de agosto de 1849 em Madriole é enterrada às pressas pelos carbonários que acompanham o casal na fuga. Garibaldi correndo risco de ser preso foge deixando para trás o corpo de sua esposa prometendo voltar e dar-lhe um enterro digno. Dez

⁵² MARTINS, Celso. **Aninha Virou Anita**. Florianópolis: Ed. A Notícia. 1999, p.17.

⁵³ Idem p 44.

dias depois crianças nas proximidades da casa onde Anita havia falecido descobrem uma mão emergindo do terreno. Depois dos exames cadavéricos é enterrada pela segunda, desta vez em um terreno junto a igreja de Madriole. Amigos de Garibaldi temendo que os ossos fossem roubados transferem os ossos para sacristia da igreja, conta-se o terceiro enterro.

Pouco tempo depois enterram os ossos dentro da igreja este é o quarto enterro. Dois meses depois Garibaldi transporta os ossos de Anita para o cemitério de Nice onde permanece por setenta e dois anos. Em 1931 os ossos são exumados e transferidos para Genova, este foi o sexto enterro. O sétimo dá-se em 1932, Garibaldi determina incinerar os ossos de Anita e que as cinzas sejam depositadas junto ao monumento de Anita na cidade de Monte Gianicolo, em Roma.⁵⁴

Políticos e entidades elitistas Catarinenses, como *Rotary Club*, fundaram um movimento para que os restos mortais de Anita fossem trazidos para o Brasil e enterrados em Laguna. Este seria, então, o possível oitavo sepultamento de Anita. Contudo, Zumblick discorda que Anita seria lagunense, afirmando ser tubaronense, este foi um dos motivos pelo qual escreveu a obra, reivindicando a naturalidade de Anita para Tubarão. É importante lembrar que Walter Zumblick é tubaronense.

Há um local que, respaldado por forças silenciosas, clama para si a localização de preciosas relíquias.
Manda a justiça, porém, que entre os que almejam para si a guarda dos restos mortais de Aninha, Morrinhos Tubarão seja o lugar designado como mais autêntico e como marcado para tão grande missão.
Em Morrinhos ela viu pela primeira vez a luz do dia!
De morrinhos ela partiu para escancarar os portões da sua colorida história!
Para Morrinhos ela deveria retomar com seu destino que foi luminoso. Com sua glória que será imortal!⁵⁵

Juntando os fatos de seus sete sepultamentos, a campanha de unificação da Itália, a veneração do Uruguai por Anita a reconhecendo como uma mulher heroína, por ter participado da revolução farroupilha inicia-se no Brasil durante a república o processo de heroicização de Anita Garibaldi conseqüentemente aquecendo o mercado de produções biográficas sobre esse ícone. Posteriormente foi usado seu nome em varias frentes de movimentos sociais principalmente durante a ditadura no Brasil.

Ou seja, pode-se sustentar de que a honra da mulher lhe era importante, a moral a conduta eram qualidades que Anita desejava ter, se importava como isso, como uma mulher

⁵⁴ ZUMBLICK, p. 100.

⁵⁵ ZUMBLICK, p. 97-98.

que não tem medo dos desafios de uma guerra e teme fofocas a seu caráter. Na construção dos gêneros, é sobre a mulher que recai a parte mais pesada da cobrança da honra moral. Seria impossível analisar a construção do discurso de Walter Zumblick sobre Anita Garibaldi sem fazer um paralelo como ele constrói Giuseppe Garibaldi. Joana Pedro mostra, em seu estudo sobre as relações de gênero na pesquisa histórica, que “homens e mulheres são definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles pode ser alcançada por um estudo separado.”⁵⁶ Na construção da imagem de Anita, Zumblick associa seu heroísmo a papéis cristalizados onde as mulheres tinham papéis determinados, e se os rompe, é por motivos patrióticos.

A qualidade positiva, a coragem e o heroísmo são vistas pelo autor como qualidades masculinas; logo, ela teria que se vestir como homem, mas passa a ser lembrada que é uma mulher quando desenvolve atividades relacionadas ao assistencialismo no caso quando cuidava dos feridos, esta era a única atividade bem vista pela sociedade sobre a mulher que saía da esfera privada, para desenvolver alguma atividade na esfera pública. Cuidar de pessoas está ligado à maternidade, aos afazeres femininos, como a idéia de enfermeira - anjo.

A construção da imagem de Anita segue o modelo de mulheres que guerrearam, acompanharam seus homens no campo de batalhas, inverteram papéis de gênero, ousaram, mas foram redimidas por que o fizeram por uma causa justa de servir a pátria. E, no fim da luta, “voltam a ser mães”, esposas e abnegadas. Ligia Maria Prado, em seu estudo sobre as mulheres que acompanharam seus maridos nas guerras de independência da América Latina,⁵⁷ mostra que as mulheres eram conscientizadas por homens com quem mantinham contatos, em geral irmãos, maridos, ou homens por quem se apaixonavam, a pegarem em armas a planejarem planos de ataque ao Estado lutando por liberdade, pela pátria, porém, ao término das guerras, voltam ao lar e às tarefas domésticas. Segundo Maria Ligia, nas biografias clássicas:

[...]as mulheres eram sempre tomadas por um sentimento de paixão que as empurrava para as trilhas da insurreição. Não apareciam como seres dotados de razão, fazendo uma escolha racional (...) a imagem do sacrifício e do sofrimento; todas estavam dispostas a suportar as mais duras penas. Diferentes dos homens tinham total interesse pelas honorárias públicas e pelos bens materiais. (...). Mas, alcançado o fim desejado, deviam voltar ao lar, para os deveres familiares e dos afazeres domésticos; voltar para seu “lugar natural”, a órbita do privado.⁵⁸

⁵⁶ PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. **Revista Catarinense de História**. Florianópolis: n.º. 02, 1994, p. 41.

⁵⁷ PRADO, Maria Ligia Coelho. A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. In: _____ **América latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos**. São Paulo: Ed. EDUSP, 1999, p. 29-53p.

⁵⁸ Idem, p. 46-47.

Dez anos de sofrimento, prisões, fugas, ciúmes, e quatro filhos de Garibaldi, percorrendo o Brasil, Uruguai e Itália. Por mais que tivesse aderido e lutado pelos ideais farroupilhas, enquanto viva nunca teve uma notoriedade sempre foi vista apenas como a esposa de Garibaldi, e uma mulher de coragem, diante deste fato, surge a pergunta: quantas mulheres abandonaram seus lares para acompanhar seus maridos nas guerras? Ana Maria não era a única mulher a passar por situações difíceis, fugindo do inimigo dando à luz⁵⁹ durante as guerras, cozinhando e cuidando das feridas dos atingidos. Muitas mulheres participaram e continuam “sem voz”, não foram consideradas heroínas, muito menos tiveram seus nomes revelados na literatura. A obra “*A casa das sete Mulheres*”,⁶⁰ limita-se a falar sobre as mulheres parentes de Bento Gonçalves, o qual, na tentativas de protegê-las as, aprisionou em um lugar distante dos campos de batalhas dos farroupilhas e imperiais no Rio Grande do Sul. Neste romance literário, outras mulheres pegaram em armas, lutaram, vão para outros espaços.

As imagens que ilustram a segunda edição do livro *Aninha do Bentão* são feitos por Willy Zumblick, irmão do autor, e cabe analisá-las, pois também produzem um discurso.

Esse estudo das imagens chama-se iconografia. Eduardo Paiva em seu livro *história e imagens*⁶¹ nos mostra que essas novas fontes de estudo vão além de ilustrações com finalidades de meras figurinhas de livros para ilustração, vão além das cores alegres e chamativas para o descanso para os olhos do leitor. Com tudo se faz necessário por parte dos historiadores, um preparo teórico para melhor analisá-las.

Para o pesquisador da imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais explícita dela. Há lacunas, silêncios e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos. Nessa perspectiva a imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente.⁶²

Enquanto Walter Zumblick quer fixar a imagem de Anita como “heroína” na literatura, Willy ocupava-se pintando as possíveis imagens físicas, e as qual a personagem teria travado batalhas. Enquanto um irmão escreve-a, outro a ilustra para melhor visualização. Para fixar a imagem de um herói, segundo José Murilo de Carvalho em seu estudo sobre a construção da

⁵⁹ O primeiro de Anita e Garibaldi filho Menotti Domingos, o filho brasileiro. Nasce na cidade Miséria, 16/09/1840. Na capital uruguaia nasce e falece Rosita Garibaldi, 30/11/1843. Teresa Garibaldi nasce em 22/03/1845 em Montevidéu. Também em Montevidéu nasce 24/02/1947 Ricciotti

⁶⁰ WIERZCHOSWOK. Letícia. **A Casa das sete Mulheres**. Rio Grande do Sul: Ed. Record, 2002.

⁶¹ PAIVA, Eduardo França. A iconografia na história - Indagações preliminares. In _____ **História e Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

⁶² Idem 52 p19.

imagem de Tiradentes como um herói brasileiro, no livro *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*,⁶³ as virtudes de cada um fora cantada em prosa e verso, em livros e jornais, em manifestações cívicas, em monumentos, em quadros, em leis.

A imagem é uma forma de linguagem juntamente com o texto, o exercício de descrição e interpretação forma a memória fixando uma imagem – no caso aqui imagem como algo representado por texto ou figura, tornado-se um modelo um exemplo - daquilo que se quer mostrar, do que se quer que seja visto e como seja visto. Não precisa ser um conhecedor de “artes da pintura” para perceber que Willy Zumblick mostra em suas telas uma Anita Garibaldi a mesma linha de pensamento do autor, a representação de Anita, antes de conhecer Garibaldi, depois de conhecer Garibaldi.



Figura 4: Ilustração de Willy Alfredo Zumblick



Figura 5: Ilustração de Willy Alfredo Zumblick

O físico de Anita é um dos pontos de intrigas entre as pessoas que escrevem sobre esta personagem da história, e o fator é sua beleza. Alguns autores defendem a idéia de ela não ser bonita, outros dizem que ela era bonita, mas o que é ser uma mulher bonita e uma mulher feia no século XIX? E Ana Maria de Jesus era bonita? Segundo Zumblick “Dela tudo já foi dito (...) tentaram fixar uma imagem na tela, ou no bronze as feições, carentes quase todos de um original caminhara pela estrada da dedução que parecia lógica. Mulher - soldado ou mulher marinheira metida com assombro, nos perigos de entreveres sanguinolentos, teria, por certo, uma feição que seria aquela que o heroísmo inspirou”.⁶⁴ Percebemos aqui que Zumblick defende a idéia de Anita ser bonita, com traços finos e delicados, porém ao descrever uma “pose” relatando seu heroísmo ou personalidade é carregado de traços fortes e marcantes como para que seja herói seja necessário um porte firme, e caretas.

Uma das ilustrações sobre Anita em uma pintura tendo a personagem bem vestida com

⁶³ CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.41.

⁶⁴ ZUMBLICK, p. 41

trajes nobres denunciando a casta social da sociedade italiana que Anita entrara casando-se com Garibaldi. Indago se a personagem em tempos de guerras teria tempo e vivera momento de paz ou descanso para ser retratada em pintura. Modelo de mulher bibelô, que deve ser um objeto agradável ao olhar assumindo o papel que lhe é designado, um sujeito dócil segundo a construção da cultura através da história pelo homem.

Outras imagens de Willy Zumblick complementam a narrativa de Walter Zumblick.



Figura 6: Ilustração de Willy Alfredo Zumblick



Figura 7: Ilustração de Willy Alfredo Zumblick

Este conjunto de imagens contidas no livro reforça, a visão do autor sobre a mulher, sobre a história. Essas imagens não retratam a realidade vivida, porém, fornecem evidências de valores, que só fazem sentido sendo analisadas em conjunto. Peter Burke em *Testemunha ocular; história e imagens*⁶⁵ critica os historiadores que utilizam as imagens contidas nos textos para visualizar conclusões já chegadas por outros meios, e não levantando outras hipóteses a partir das imagens oferecendo novas respostas, sendo esta considerada como uma “testemunha ocular”. Mesmo diante a essa forte condenação, afirmo que minhas análises foram feitas a partir do diálogo que construí entre texto de Walter Zumblick e as imagens de Willy Zumblick. Este diálogo foi mais que necessário, visto que as pinturas feitas, não tinham caráter de testemunho, pois foram feitas após a morte da personagem, que o texto e a pintura falam, ou seja a narrativa sobre a personagem não é construída a partir da imagens produzida quando a personagem ainda vivia. Indo contra o pensamento de que assim como os textos e os testemunho orais, as imagens constituem um forma de evidência histórica.⁶⁶

⁶⁵ BURKE, Peter. O testemunho das imagens. IN: ____ **Testemunha ocular: história e imagens.** São Paulo: EDUSC, 2004, 11-23p.

⁶⁶ PAIVA, Eduardo França. A iconografia na história - Indagações preliminares. In ____ **História e Imagens.** Belo Horizonte: Autêntica. 2002 p17-35

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises sobre o livro *Aninha do Bentão*, venho lembrar que foi empregado dinheiro do Estado de Santa Catarina e da Universidade Estadual para a publicação e distribuição do livro, a editora encarregada, também é um órgão oficial, a Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina IOESC. Penso que não faz sentido considerar esta obra como uma contribuição histórica, pois foi publicada para enaltecer seu autor, descomprometendo-se com os métodos científicos. O livro é uma narrativa literária e, como tal, tem seu lugar na publicação e circulação, porém, sobre um assunto complexo que merece fontes e devidas interpretações. A trajetória de quem escreve uma história passa por diversas concepções da história existente em sua época; a concepção da academia deve passar necessariamente por um elo entre a pesquisa científica e a análise das fontes, e isso a diferencia da literatura. Esta na obra de Zumblick, levando em conta a ano da primeira edição (1980), é uma narrativa comprometida com a produção de uma imagem que não contribuiu para a historiografia. Segundo Áries, o sentido histórico evolui através dos tempos,⁶⁷ e o autor da obra em análise se prendeu em convicções de que a história seria feita de repetição de imagens. Dentro desta linha de pensamento, o autor pretendeu escrever renunciando a veracidade dos fatos pesquisados, fazendo críticas sobre outras obras, ditas como, “chepas de cigarro esquecidas em um cinzeiro”:

As chepas abandonadas pelos cinzeiros apresentam, ainda ao fumante inveterado aquela consoladora possibilidade de uma derradeira e suspirada baforada. (...) Não trago, repiso, um visto que, à maneira de uma gazua, venha escancarar rumos esquecidos ou já esmaecidos detalhes de uma existência que o tubaronense jamais poderá esquecer. Vou, por isso, à busca das “chepas” quase apagadas e das aparas atiradas ao lixo.⁶⁸

Ao que se percebe, *Aninha do Bentão* pretende identificar Tubarão, Santa Catarina, com um passado glorioso, com seus símbolos, ícones e heróis, justificando, para o autor e os editores, a produção do livro e, conseqüentemente, a re-produção da imagem da heroína.

Isso faz pensar tanto a produção historiográfica sobre Anita Garibaldi, quanto muitas obras literárias que a tiveram como personagem cada qual com suas justificativas, e nas

⁶⁷ ARRIÈS. Philippe. **O tempo e a História**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves. 1989.

⁶⁸ ZUMBLICK, p 20.

imagens e representações que emolduram uma personagem.

Este é um trabalho inicial, por mais que eu tenha explorado uma análise sobre um entre tantos livros que falam sobre Anita Garibaldi, ainda há muito que se pesquisar sobre esta personagem e as relações sociais do contexto em que viveu, os papéis de gênero prescritos, e mais ainda, os discursos que fizeram dela uma heroína.

REFERÊNCIAS

A) Fontes Pesquisadas

BOITEUX. Henrique. **A heroína Brasileira Anita Garibaldi**. Rio de Janeiro: Ed. Bevilacqua & C, 1906.

CASTRO, João Vicente Leite de. **Annita uma Heroína Brasileira**. Rio de Janeiro: Garnier Editora, 1911.

LOMBROSO. Giacomo. **Garibaldi**. Firenze: Vilecchi, 1938.

ZUMBLICK. Walter. **Aninha do Bentão**. Tubarão: IOESC, 1980.

ZUMBLICK. Walter. **Este meu Tubarão**. Florianópolis: IOESC, 1974.

B) Sites Pesquisados

http://wwhttp://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf
28/06/2007 20h40min.

http://www.tce.sc.gov.br/site/servicos/capitacao/biblioteca/setor_catarina.html
28/06/2007 20h35min.

<http://www.udesc.br/variedades/artes/anita/zumblick.html>
28/06/2007 20h06min.

C) Referências Bibliográficas

ARIÈS. Philippe. **O tempo e a História**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1989.

BITENCOURT, João Batista. **Clio positivada: A arte da cidade histórica de Laguna**. Florianópolis: 1997. Dissertação (Mestrado em História). UFSC, Florianópolis, 1997.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu pensamento, seu futuro. In: ____ Burke Peter (org) **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

CADORIN. Adílzio. **Anita. A Guerra das Repúblicas**. Laguna: IOESC, 1999.

CARVALHO. José Murilo. **A formação das almas: O imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CELSO. Martins. **Aninha Virou Anita**. Florianópolis: Ed. A Notícia, 1999.

CHARTIER. Roger. O mundo como representação. In: ____ **À beira da falésia**. A história entre certezas e inquietudes. Rio Grande do Sul: Ed. UFRGS, 2002. .

DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi**. Porto Alegre: L&M, 2002.

ELÍBIO JUNIOR, Antônio Manuel. **Uma Heroína na História: Representações sobre Anita Garibaldi**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

- MAKUM, Paulo. **Anita Garibaldi, uma heroína Brasileira**. São Paulo, Ed. SENAC, 2003.
- MIBIELLI. José Sergio Fabiano Mattos. **Anita Fez de seu Amor a sua Bandeira**. Florianópolis: Editora Papa Livro, 1999.
- PAIVA, Eduardo França. **A iconografia na história – indagações preliminares**. In: ____ **Histórias e Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PEDRO, Joana Maria, **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: UFSC, 1994.
- PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. **Revista Catarinense de História**. Florianópolis: nº. 02, 1994.
- PRADO. Maria Ligia Coelho. A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. In: ____ **América latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos**. São Paulo: Ed. EDUSP, 1999.
- RAU. Wolfgang Ludwig. **Anita Garibaldi - resumo biográfico da heroína brasileira**, Florianópolis: Elbert Indústria Gráfica, 1989.
- RAU. Wolfgang Ludwig. **A heroína Anita Garibaldi - Uma revelação farroupilha em território catarinense**. Florianópolis: Elbert Indústria Gráfica, 1986.
- RAU. Wolfgang Ludwig. **Anita Garibaldi. O Perfil de uma Heroína Brasileira**. Florianópolis: Edeme, 1975.
- RAU. Wolfgang Ludwig. **As sucessoras de Anita Garibaldi**. Florianópolis: Elbert Indústria Gráfica, 1987.
- RAU. Wolfgang Ludwig. **Cronologia de Giuseppe e Anita Garibaldi 1807-1882**. Florianópolis: Conselho Estadual de Cultura – IOESC. 1982.
- RAU. Wolfgang Ludwig. **Onde nasceu a lagunense Anita Garibaldi**. Florianópolis: Edeme, 1983.
- RAU. Wolfgang Ludwig. **A vida e Morte de José e Anita Garibaldi**. Florianópolis: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, 1989.
- SCHROEDER, Rosa Maria. **As relações de gênero e a história produzida pela revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina**. In: Esboços, UFSC, Florianópolis: 1996.
- SCHWARZ, Lilia Motriz. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: CI&A das letras, 1993.
- WIERZCHOSWOK. Letícia. **A Casa das sete Mulheres**. Rio Grande do Sul: Ed. Record, 2002.